

4

Sobre a amizade e a fidelidade: a conquista do bem-estar na relação de namoro

Soneto de Fidelidade

*“De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.”*

(Vinícius de Moraes)¹

*“A amizade é uma alma que habita em dois corpos;
um coração que habita em duas almas.”*

(Aristóteles)²

Ao longo deste capítulo, dedicaremos nossos maiores esforços à discussão e problematização de dois temas centrais deste trabalho: a conceituação da fidelidade no contexto do namoro e a amizade, enquanto modelo produtor de significado para o par amoroso, no interior desse mesmo contexto. Utilizaremos o material colhido nas entrevistas como parâmetro para entender essas questões,

¹ Cf. “*Antologia Poética*”, Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, pág. 96.

² Cf. “*Ética a Nicomaco*”, Edipro, São Paulo, 2007.

mas não com a pretensão de transformar os dados de nossa pesquisa em um compêndio geral dos valores e conceitos presentes nas relações amorosas de nossa sociedade. As conclusões a que chegaremos, com base nas discussões propostas, pretendem apresentar resultados válidos para alguns parâmetros e modelos encontrados entre os setores médios urbanos da cidade do Rio de Janeiro.

As epígrafes que abrem este capítulo – um soneto do poeta e compositor Vinícius de Moraes e uma frase do célebre filósofo Aristóteles – não foram escolhidas simplesmente por tratarem dos dois temas principais a serem discutidos nas próximas páginas, mas por expressarem pontos relevantes que envolvem o debate em torno da fidelidade e da amizade no cenário contemporâneo.

No “Soneto de Fidelidade”, o amor é expresso, inicialmente como cuidado e atenção ao parceiro, e esse zelo é enunciado como um elemento que permite que “mesmo em face do maior encanto”, seja esse amor ainda mais encantador. Ao longo de nossa pesquisa, encontramos alguns exemplos da idealização da relação amorosa, enquanto cuidado e atenção com o outro, sendo a fidelidade relacionada não só a uma atitude que se deve ter com o parceiro, mas com a própria relação. Outra questão pontuada na poesia de Vinícius de Moraes é manifestada através da metáfora do amor enquanto chama. Por mais intensa que seja uma chama, ela é sempre finita. Esse ponto nos faz lembrar a discussão teórica de Bauman (2008), apresentada em capítulo anterior, que descreve a busca individual, observada no mundo hoje, por um amor de natureza romântica, idealizado como eterno. Esse ideal, contudo, é cada vez mais contradito pela realidade empírica. Mesmo assim, a finitude real das relações amorosas atuais, não impede que a infinitude ideal do amor continue a ser perseguida. E, não raramente, esse ideal passa a ser uma busca de toda a vida.

Na frase de Aristóteles, a amizade é representada como uma relação onde sentimentos sublimes são guardados no coração e na alma. É profícuo pensar nessa definição da amizade que se aproxima de certas concepções ocidentais do amor, enquanto um sentimento superior que ultrapassa as fronteiras da mente e do corpo. Um quadro, que segundo Rougemont (2003), foi sendo construído a partir do século XII. Há uma aproximação entre esses paradigmas. Outro ponto fundamental revelado pelas palavras do filósofo é a idéia de amizade fusional. Essa representação da fusão de dois corpos, de duas individualidades, de dois

corações, também é um modelo que se fortaleceu no ocidente, impulsionado pelo romantismo, no que se refere ao amor. E na prática cotidiana da relação amorosa, parece que amizade vem reforçar a busca pela fusão ideal, minimizando o conflito, enunciado por Salem (2007), entre valores individualistas e valores que priorizam a díade amorosa. Em nossa pesquisa, os laços de amizade e companheirismo foram apontados como elementos fundamentais para a construção e sustentação da parceria amorosa, como um fator de equilíbrio, e até como uma medida indicadora de maior ou menor harmonia na relação.

Este capítulo será dividido em três partes: a primeira será dedicada a discussões referentes às representações dos informantes sobre a relação amorosa e sobre os papéis de homens e mulheres na dinâmica relacional; a segunda será direcionada para o debate em torno da amizade nas relações amorosas; a última tratará da análise da conceituação da fidelidade colhida a partir do discurso dos entrevistados.

4.1.

Representações sobre a relação amorosa e sobre o papel do homem e da mulher na dinâmica da relação

4.1.1.

Namoro e seus significados: parcerias e diagramas do bem-estar

Uma das primeiras questões que procuramos debater com os entrevistados foi a da representação e do significado que a relação amorosa tem para cada um. Embora as respostas tenham apresentado algumas variações de conteúdo, pode-se dizer que houve uma considerável proximidade entre a contextualização da relação amorosa pelo grupo pesquisado. Grande parte dos informantes associou o namoro, tanto em sua construção inicial, quanto no aprofundamento dos laços de união do casal, a valores e sentimentos específicos, como amor, companheirismo, confiança, respeito, reciprocidade, percebidos como estruturas fundamentais para

garantia do bem-estar da parceria.

Eduardo descreve o que seriam os valores mais representativos em uma parceria amorosa, na sua visão:

“Eu acho que confiança é fundamental, não confiança no sentido oposto ao do medo de ser traído, acho que confiança no sentido de que você pode contar com essa pessoa. E isso é muito nobre numa relação, você saber que aquela pessoa vai estar ali a hora que for, independentemente do que estiver acontecendo... Respeito também é fundamental. Amor também. Eu acho que a minha história com a Sabrina só existe porque a gente se ama muito. Às vezes, a gente briga, mas o sentimento é muito maior... A Sabrina talvez seja a namorada com quem eu mais desenvolvi uma confiança, uma intimidade, a gente não tem medo, qualquer ‘parada’ a gente fala e está tudo certo. E é difícil você ter alguém assim...” (Eduardo)

Observa-se uma semântica plural da relação amorosa, expressa nas palavras do entrevistado. A confiança aparece como um elemento estruturante e confunde-se, até certo ponto, com outros valores e significados. Primeiro, ele fala da confiança-apoio, depois da confiança-intimidade, e mais enfaticamente da confiança-cumplicidade. De certa forma, os valores priorizados em sua relação amorosa apóiam-se mutuamente, e misturam-se de tal forma, que passam a se confundir. O amor é caracterizado pelo seu caráter fundador e mantenedor do vínculo, embora a confiança constitua o que há de mais particular e especial na união. No discurso do entrevistado, é clara a idéia de que essa confiança que se traduz em intimidade, parceria e apoio recíprocos representa uma efetiva conquista do casal; talvez por se tratar de um elemento considerado escasso e ao mesmo tempo necessário, no universo de relações desencaixadas do mundo contemporâneo. Priscila também enaltece alguns elementos valorativos e sentimentos essenciais à vivência relacional do namoro:

“Companheirismo, fidelidade, lealdade... Uma relação em que existem amizade e interesses mútuos de amor, de companheirismo, de futuro. Uma relação que seja sólida e em que exista perspectiva de futuro e um companheirismo diário. Se não existir esse companheirismo diário não é relação amorosa.” (Priscila)

Na narrativa da informante, a gramática relacional se constitui de fatores

como companheirismo, fidelidade, amor e amizade. É interessante notar que em uma fala curta, a informante menciona quatro vezes o termo companheirismo, que claramente assume a conotação de estrutura determinante para a construção e manutenção de seu relacionamento. A palavra “diário”, que o complementa, remete a uma idéia de construção e alimentação permanente desse ingrediente, sem o que a própria relação não pode existir ou se sustentar. Além disso, o elemento de reciprocidade é sugerido implicitamente como uma qualidade determinante, já que o companheirismo depende de uma atitude conjunta do casal. E a expectativa em torno da perenidade da relação é um fator complementar a essa idéia de companheirismo diário, tendo o namoro que se constituir tanto de uma construção cotidiana, quanto de uma perspectiva futura. Essa complementaridade entre os elementos que sustentam o bem-estar da relação foi também expressa por outros informantes.

Júlia, durante a entrevista, apresentou um discurso eloqüente, e no que se refere à representação de seu relacionamento com Márcio, estabeleceu uma relação entre o namoro e a figura do namorado, que merece ser pontuada:

“Eu dou uma importância muito grande. Acho que eu não sei te dizer o que a relação representa, mas o que ele representa... Ele é o meu melhor amigo, a primeira pessoa para quem eu penso em contar tudo de bom e de ruim que acontece na minha vida, dividir, pedir conselhos. Ele também faz Direito, então, todos os tipos de conselho, sabe? Até de trabalho. Então, ele é muito companheiro, amigo, eu confio muito nele. E a relação para mim tem que ter como base confiança, respeito. Eu o vejo como uma pessoa que está sempre ali, com quem eu posso contar, que eu posso pedir sempre ajuda. E ele ainda mora do meu lado, na mesma rua.” (Júlia)

A representação da relação amorosa se confunde, no trecho citado da fala de Júlia com a própria figura de seu namorado. O que é exaltado não são exatamente os sentimentos e valores estabelecidos entre eles, mas o papel que Márcio cumpre de amigo, companheiro, conselheiro, de alguém que inspira sua máxima confiança. O discurso enfatiza o outro significativo como alguém que incorpora valores, relações e sentimentos considerados importantes, e os

transforma em prática³.

Uma questão importante que se destacou ao longo das entrevistas foi a da representação do namoro como um tipo de compromisso entre dois indivíduos, que deve ter uma perspectiva de perenidade, a partir do qual o casal deve poder visualizar um futuro comum:

“A relação amorosa é uma relação em que você divide as coisas, os problemas, a vida, com alguém com quem você pode querer construir uma família.” (Letícia)

Letícia concebe a relação amorosa a partir de uma idéia de partilha dos problemas e da vida como um todo entre o casal. O curioso é que, embora esteja namorando, sua definição está muito próxima de certas concepções de casamento ou de coabitação, principalmente, quando ela afirma que a pessoa escolhida pode ser alguém com quem se queira construir uma família. De certa forma, a narrativa expressa a idéia de um potencial latente do namoro, de poder resultar numa união duradoura, com a perspectiva de construção de uma vida comum para o casal e de constituição de uma família.

Gustavo concebe a relação amorosa de maneira semelhante:

“Eu entendo como uma relação onde se tem respeito, onde você gosta da pessoa, sabe que a pessoa gosta de você também, e vê que futuramente vocês conseguiriam ter uma vida juntos. Realmente é difícil expressar assim... É mais ou menos isso, o relacionamento amoroso vive das expectativas que você tem. Para mim se baseia em expectativas. Se você espera alguma coisa do relacionamento, já passa a ser uma coisa séria e, entre aspas, com amor”.
(Gustavo)

A relação amorosa assume diversos significados na fala de Gustavo. Inicialmente, ele menciona o valor do respeito, pontuando sua centralidade na interação do casal. Em seguida, cita a reciprocidade do sentimento que, como

³ Abordando o processo de socialização, em de *Mind, self, and society* (Chicago: Chicago University Press, 1992, pp. 144-154), George H. Mead nos esclarece que a individuação do sujeito se configura como aquele percurso de auto-descoberta de si que se estende do “eu” ao “nós”. Assim, se os “outros significativos” representam a estrutura primária de identificação, na qual o indivíduo apreende o mundo através da lente do outro (família, em geral), o “outro generalizado” diz respeito ao reconhecimento da sociedade enquanto fonte de estruturação e ordenamento.

aponta Heilborn (2004) em sua leitura de Simmel, é o objetivo real do amor moderno. E termina a primeira frase condicionando a escolha do parceiro à visualização de uma vida futura comum, o que é reforçado pela sua concepção de que o relacionamento amoroso baseia-se nas expectativas de cada um dos parceiros. E são justamente as expectativas que os dois constroem em torno do relacionamento que lhe conferem seriedade, e até sentido. O próprio sentimento de amor depende dessa construção, como entende Gustavo.

A idéia de seriedade expressa na idealização da relação amorosa que encontramos na narrativa de diversos entrevistados, talvez se deva ao fato de termos entrevistado casais com pelo menos um ano de namoro. Mas essa perspectiva é bastante fecunda para refletirmos sobre os projetos de vida individuais e do casal, que serão explorados no quarto capítulo.

4.1.2.

Sobre a divisão sexual de papéis no namoro

Partindo da proposta de conversar com os informantes sobre suas representações das relações amorosas, trouxemos à discussão a questão da divisão de papéis sexuais dentro da relação do namoro, com o propósito de colher dados expressivos sobre os significados que o grupo confere a essa questão.

Nesse ponto da pesquisa, encontramos uma rica gama de significações e representações referentes aos papéis de homens e mulheres nas relações amorosas. A maior parte dos informantes acredita que, em uma relação de namoro, os direitos e deveres devem ser igualitária e simetricamente partilhados entre os gêneros. Contudo, as interpretações referentes às características subjetivas e comportamentais dos dois sexos tiveram uma diferenciação mais pronunciada que foi inclusive enaltecida por algumas pessoas. De uma maneira geral, os aspectos instrumentais que comportam a divisão utilitária de direitos e deveres, permeada por processos de negociação, no universo relacional do namoro, expressaram a defesa de um modelo igualitário. No que diz respeito a aspectos expressivos, de trocas de emoções, sentimentos e conversas entre o casal surgem expectativas

diferentes entre homens e mulheres. Alguns entrevistados, projetando uma situação de casamento, acreditam que as assimetrias nesse contexto seriam ainda maiores, inclusive com relação aos aspectos instrumentais. Se no namoro o grupo concebe as mesmas obrigações para homens e mulheres, no casamento, a demarcação de papéis seria mais acentuada instrumental e expressivamente.⁴ Heilborn (2004) retoma uma definição de casal, proposta por Roland Barthes(1979), como “um pequeno sistema prático e afetivo de ligações contratuais” (Barthes *apud* Heilborn, 2004, p.139), que se inscreve nesse ideal.

Um ponto fundamental que se destacou na narrativa do grupo foi o da combinação e até conciliação de valores e paradigmas modernos e tradicionais com relação aos papéis dos gêneros. Foi comum encontrar no discurso de uma mesma pessoa concepções diferentes, que traziam essa composição de modelos. Inicialmente, pensávamos nesses discursos como essencialmente ambíguos e contraditórios, porém, lembrando o desenvolvimento de cada entrevista e com o aprofundamento da análise dos dados, entendemos que essa mistura de paradigmas não era contraditória para os entrevistados. Não havia em suas falas, com relação a essas posições, confusão ou dúvida, e os pontos de vista não eram mutuamente excludentes. Essas observações nos fizeram retornar à discussão teórica de Figueira (1987) traçada no primeiro capítulo. Acreditávamos, a partir de uma hipótese inicial, que houvesse uma estrutura ambígua, envolvendo as posições dos sujeitos a respeito de certas concepções da família e dos relacionamentos afetivos como um todo na sociedade brasileira. Entretanto, entre o grupo pesquisado, essa hipótese não se mostrou representativa. O que se destacou nas entrevistas não foi nem um “paradigma reativo”, contrário aos padrões tradicionais, de valorização radical do conteúdo moderno, nem uma ênfase inflexível em favor do modelo tradicional. As posições eram assumidas de maneira coerente e assertiva. Mesmo entre aqueles informantes que priorizaram um conteúdo de valores globalmente mais tradicional, ou mais moderno, o discurso foi relativizado em diversos momentos. As idéias de indivíduo e de opção individual foram implicitamente privilegiadas, em detrimento de uma ética moralizante que valorizasse as regras e os códigos. E a coabitação e sobreposição

⁴ É preciso enfatizar, contudo, que nenhum dos entrevistados passou pela experiência do casamento, e que essas idéias a respeito da relação matrimonial são idealizações que construíram.

de valores e paradigmas que mencionamos no final do primeiro capítulo, referente às construções subjetivas em torno da afetividade, foi recorrente entre os nossos informantes. Seleccionamos passagens de algumas das entrevistas realizadas, que foram significativas nesse sentido:

“Eu acho que não tem que ter nada muito definido, sabe? Que nem tinha antigamente de o homem ter que sustentar a casa e a mulher ter que cuidar dos filhos. Acho que hoje em dia já não tem muito isso. Acho que hoje em dia para a relação funcionar, o papel do homem de repente é ter um romantismo. A mulher também tem que ser carinhosa, mas o homem acho que tem que mimar a mulher... E o papel da mulher, eu não sei. Eu acho que os dois têm que ter um respeito muito grande um pelo outro. A gente costuma dividir as contas, porque tem meninas que querem que o namorado pague tudo, e falam: ‘ficar solteira é muito caro’. Mas eu acho que o homem não tem essa obrigação. Tem mulheres que acham, como antigamente, que o homem tem que bancar, mas eu acho que não. A mulher tem que ter uma participação em tudo. Tem que tentar equilibrar”.
(Júlia)

“Eu acho que quando você é criança você não afirma assim: ‘mãe eu já sou mais velha para sair, mais eu ainda sou muito nova para assumir tal responsabilidade’? Então, eu acho que com o namoro é a mesma coisa em relação à mulher, assim: ‘eu quero que você pague um jantar para mim, mas eu não estou a fim de fazer o jantar hoje’. Isso acontece comigo, às vezes, eu quero que ele pague o jantar para mim, mas me dá uma preguiça de dar uma de ‘dona de casa’. Eu acho que isso está acontecendo naturalmente, não sei se acontece com todo mundo, acontece comigo. No caso deles, eu acho bacana o homem mostrar que se dedica, que quer dar um presente, mas eu também acho legal a mulher fazer a mesma coisa, eu acho que os papéis estão realmente se igualando. Agora eu acho que não é papel da mulher ficar arrumando a casa. Mas fora isso não tem papéis certos, eles estão se invertendo, mudando... Tem muita gente também que mantém o tradicional.”(Sabrina)

As narrativas de Júlia e Sabrina, no que se refere aos papéis de homens e mulheres no relacionamento amoroso, constituem-se em exemplos importantes do quadro de significações que encontramos entre o grupo pesquisado. A ideia de ausência de regras definidas quanto aos papéis dos gêneros no namoro foi enfatizada pelas duas entrevistadas. No caso de Júlia há uma expectativa em torno de um cuidado, de um romantismo que deve, segundo sua visão, partir mais do homem, o que representa uma concepção tradicional. O modo, entretanto, como essa ideia foi expressa remete mais a uma questão de valorização de uma constituição idiossincrática, que, de acordo com ela, deve ser desenvolvida pelo homem em função desse ideal romântico, do que por um modelo social que

determine o comportamento masculino. Sua fala aponta para uma idéia de mudança e construção de valores e representações referentes à interação do casal, que margeiam paradigmas tradicionais e modernos. Júlia não consegue definir um papel para a mulher no relacionamento amoroso, talvez porque esse papel deva hoje ser concebido em função de construções e escolhas subjetivas, individuais, muito mais do que por determinações sociais.⁵ Conceitos que descrevem mecanismos contemporâneos como o de normatização interna das condutas amorosas e sexuais (Bozon, 2004a e 2004b) e o de “filosofia do acontecimento” (Lazzarato, 2006) ajudam a entender essas novas configurações. O primeiro define o processo de transferência da orientação e normatização das condutas individuais das instituições sociais para o próprio interior dos sujeitos. O segundo parte da premissa de que o possível não existe *a priori*, precisa ser criado no intercurso do acontecimento ou da relação. Um acontecimento não é a solução de problemas, mas a abertura de novas possibilidades de vida. Esse segundo mecanismo foi fundamental para a compreensão de parâmetros encontrados nas narrativas, como no caso de Júlia. O novo é produzido durante a relação, e recebe, por isso, uma marca de singularidade.

Um outro ponto enfatizado em seu discurso é o da divisão de despesas entre o casal. Referindo-se ao paradigma tradicional do papel masculino de provedor dos bens materiais na relação amorosa, que segundo ela ainda é valorizado em seu universo de relações pessoais, Júlia ressalta sua opção pelo padrão igualitário, segundo o qual as questões materiais devem ser equilibradamente partilhadas pelo homem e pela mulher. O aspecto instrumental da relação, que comporta também a divisão de despesas, deve ser marcado pelo igualitarismo das trocas.

No discurso de Sabrina destaca-se uma dimensão reflexiva importante. A metáfora inicial propõe uma comparação entre a relação mãe-filho, e a relação entre parceiros amorosos, no que diz respeito às opções individuais pelos modelos tradicional ou moderno. É possível, segundo a vontade e até a conveniência pessoal, que o indivíduo valorize, simultaneamente, um papel tradicional, e

⁵ O fato de terem ocorrido, nos últimos quarenta anos, mudanças expressivas no estatuto e nas condições de vida da mulher, e considerando que as conseqüências desse processo ainda não são definitivas, o papel da mulher fica como que “em aberto”, possibilitando inúmeras escolhas e leituras.

rechace outro. O filho pode buscar a autonomia em determinado contexto, mas ressaltar sua dependência em outro.⁶ Com respeito ao casal, no exemplo dado por Sabrina, a mulher opta por não exercer o papel tradicional de dona de casa, mas espera que o parceiro cumpra tradicionalmente o papel de provedor. Note-se que a variável econômica, tanto em sua fala quanto na de Júlia, é um indicador importante da maior ou menor simetria na relação entre os gêneros. De seu discurso subentende-se uma referência a processos de mudança no âmbito das relações familiares e dos gêneros no Brasil, com destaque para a opção e o desejo individuais. A idéia de mudança e inversão de papéis de homens e mulheres nas relações afetivas, apresentada pela informante, aponta para a não fixidez de paradigmas e para grande gama de combinações que as relações privadas, no contexto contemporâneo, podem suscitar. Para além de uma referência à complexa questão da constituição identitária atual, marcada pela troca e sobreposição de modelos e papéis, esse dado remete à discussão do conceito de identificação ainda mais comprometido com as noções de escolha, flexibilidade, mudança e justaposição. De acordo com Bauman (2008), em lugar de falar em identidades, herdadas ou adquiridas, estaria mais de acordo com o contexto do mundo globalizado, o uso desse conceito de identificação, que supõe uma atividade contínua e permanente, sempre incompleta, na qual os indivíduos, por necessidade ou escolha, estão engajados. Esse processo, completa o autor, é efeito e subproduto da combinação de pressões globalizantes e individualizadoras e das tensões que elas geram.

No primeiro capítulo, mencionamos a discussão de Bozon (2004a e 2004b) acerca da questão da normatização das condutas sexuais, que no contexto contemporâneo passa a ser interiorizada pelos indivíduos. Se pensarmos nessa questão aplicada à conduta afetiva com relação ao parceiro amoroso, percebemos que os modelos são cada vez mais indeterminados porque dependem tanto das escolhas individuais, como de processos reflexivos que assumem especificidades únicas em cada experiência particular. Além disso, o cenário contemporâneo,

⁶ Como já havíamos discutido no primeiro capítulo, Singly (2000) reflete sobre a questão da dissociação entre valores como autonomia, independência e reciprocidade no interior das relações familiares. Isso decorre de um processo crescente de individualização, que permitiu a constituição de uma maior igualdade entre as diferentes gerações familiares. Além disso, as relações que se estabelecem contemporaneamente no mundo privado, têm como uma de suas bases o diálogo, através do qual esses valores são discutidos e negociados, da mesma maneira que Sabrina propõe em seu exemplo.

sobretudo no que se refere às relações humanas, é marcado, como afirma Bauman (2004) pela volatilidade e pela ausência de contornos definidos. Talvez essas questões contenham razões que justifiquem a imprecisão que encontramos em algumas narrativas de nossa pesquisa, particularmente em relação às percepções de gênero. A seguir, algumas impressões masculinas sobre os papéis de homens e mulheres no namoro:

“Talvez eu até tenha uma visão conservadora, porque eu adoro chegar em casa, adoro que façam comida para mim, eu gosto de tudo que envolve isso na história da relação. Não é nem uma visão machista, mas eu curto essa história de poder proteger. Na verdade, eu sou amador nessa história, tenho muita coisa para aprender. Eu acho também que não existe uma regra quanto ao papel, eu acho que a minha relação com a Sabrina é, mais ou menos, assim: eu gosto de levar ela para passear, para jantar, para ir ao cinema. Mas quanto ao papel do homem e da mulher não existe regra. Eu gosto de ser paparicado, eu adoro quando a Sabrina faz comida para mim, quando ela arruma a cama. Mas se eu tiver que cozinhar, eu não me importo também. Eu não vejo muita diferença.” (Eduardo)

“Deveria ser igual, mas não é. Eu vejo as mulheres mais carinhosas, as mulheres chamam mais a responsabilidade para o relacionamento, os homens deixam mais correr. Talvez o homem seja mais racional. Eu estou falando o que eu vejo. E a parte mais afetiva, a mulher complementa. É claro que, às vezes, o homem, por ter uma companheira reclamando que precisa ser mais assim, mais ‘assado’, acaba ficando mais afetivo. O homem, por outro lado, acha que a mulher deveria ser mais racional. Isso é uma balança, eu acho. O homem normalmente é mais frio, e essa frieza leva a uma racionalidade, e a mulher é mais ‘feeling’, então tende a levar para o lado mais romântico”. (André)

Eduardo e André representam duas visões que podem ser construídas em relação aos paradigmas de gênero a partir do quadro de escolhas possíveis e de processos internos de experimentação, reflexão e normatização. Eduardo classifica sua visão de conservadora, pelo fato de apreciar que a parceira faça comida, arrume a cama. Da maneira semelhante, o papel que gosta de cumprir diz respeito a um ideal do homem como protetor, como aquele que toma a iniciativa dos programas que o casal faz em conjunto. O modelo de comportamento masculino e feminino pelo qual opta tem, nesse sentido, um caráter tradicional. Mas ele relativiza essa idéia ao enfatizar a ausência de regra e provavelmente de obrigação no cumprimento desses papéis. Ele admite inclusive a possibilidade de inversão das funções, com relação a qual não se importaria. Seu discurso prioriza

o gosto e o prazer pessoais no exercício e na aceitação de certos favores no relacionamento amoroso em detrimento de um caráter normatizador ou naturalizador desses modelos. Mas há em sua narrativa uma oposição implícita entre as idéias de real e ideal. Sua expectativa em relação ao comportamento da namorada gira em torno de uma idealização, expressa pela vontade de que a parceira exerça um papel tradicional da mulher na relação amorosa, de agradar e cuidar das necessidades do homem. O aspecto concreto e real da relação amorosa, contudo, pode não atender a essa expectativa de Eduardo, já que o exercício desse papel deve ser resultado, segundo seu próprio entendimento, da escolha e não de uma regra imposta à parceira.⁷

A fala de André é perpassada por uma marcada diferenciação em relação ao comportamento de mulheres e homens na interação amorosa. A dicotomização de sentimentos femininos e masculinos, que descreve, corresponde ao modelo tradicional do sentimento e da razão como metáforas, respectivamente, das formas de funcionamento das subjetividades da mulher e do homem. Essa oposição de visões, que pode ser problemática e até conflituosa na relação amorosa, segundo o entrevistado, não impede que um dos dois cobre mudanças de seu parceiro, e que essa cobrança frutifique. Essa questão, apontada na entrevista de André, nos remete ao trabalho de Claudia Barcellos Rezende (2002) sobre a amizade nas sociedades brasileira e inglesa. Rezende encontrou entre os ingleses uma concepção de gênero associada à idéia de “natureza” pessoal. Os homens e mulheres que entrevistou não relacionaram o gênero a papéis diferenciados, já que haviam rompido com visões tradicionais da mulher como “dona de casa” e do homem como “provedor”. Havia uma ênfase na constituição psicológica de homens e mulheres, que afetavam seus comportamentos em contextos diversos. De uma maneira geral, em nossa pesquisa, embora houvesse indicativos dessas visões tradicionais apontadas acima a respeito dos papéis dos gêneros, encontramos também uma valorização acentuada dos aspectos psicológicos de homens e mulheres, capazes de modelar comportamentos e assim influenciar as relações, como na pesquisa de Rezende.

⁷ DaMatta (1987) já dissera que na sociedade brasileira há uma visão difundida de que o ideal é melhor que o real, a ponto dele ser tomado como a própria realidade.

4.2.

Namoro ou Amizade ou Namoro e Amizade?

Pretendíamos, ainda em fase de elaboração de projeto de dissertação, trabalhar com o conceito de amizade nas relações amorosas, e mais ainda, com a hipótese de que a amizade é um componente importante para a estrutura relacional que se estabelece entre a díade amorosa. Através de uma revisão da literatura do campo sócio-antropológico, que traça pontos fundamentais do universo de relações afetivas da sociedade brasileira, encontramos indicações importantes do significado que a amizade enquanto modelo relacional vem conferindo a outras formas de relacionamento tanto no interior do sistema familiar, como das parcerias amorosas. No caso específico de nosso trabalho, procuramos através da pesquisa realizada com casais, buscar dados significativos a respeito dessa questão.

Sofia Aboim (2006), socióloga portuguesa, em um estudo realizado com mulheres portuguesas sobre representações do universo conjugal numa sociedade em mudança, expõe algumas impressões colhidas a respeito da amizade nas relações amorosas. A autora utiliza o conceito de “amor-amizade” para descrever o laço sentimental que, desde o princípio da relação se estabelece entre alguns casais. O sentimento de amizade surge nestes casos como “uma base de sustentação da relação” (Aboim, 2006:184). Sua pesquisa nos ajuda a refletir sobre a nossa, na medida em que a amizade surge nas entrevistas que fizemos, também como uma fonte fundamental de significados. Questionamos nossos informantes sobre suas posições relativas à amizade, enquanto um possível ingrediente do relacionamento de namoro. Em diversos casos, contudo, antes mesmo que chegássemos a esse ponto da conversa, o tema da amizade já havia sido mencionado por eles como um elemento estrutural para a construção de uma relação a dois. Entre as dezoito pessoas com quem conversamos, somente uma mulher acredita que a amizade se diferencie substancialmente da relação amorosa, e que a interação que se estabelece entre o casal e entre amigos não guarda semelhanças entre si. Essa situação é absolutamente contrastante com os paradigmas de relação amorosa das décadas de 1950/1960, quando a amizade entre homens e mulheres era improvável, tanto no interior quanto fora do

relacionamento. Não apenas a diferença entre o conteúdo simbólico dos universos feminino e masculino era fortemente demarcado, como os próprios atributos conferidos às subjetividades de homens como conquistadores e de mulheres como alvos da conquista contribuíam para a formação desse contexto. Ao longo desse período, esses atributos estiveram relacionados a paradigmas contundentes referentes à masculinidade e à feminilidade, constantemente realimentados socialmente.

O sentimento de amizade foi contraposto por alguns de nossos entrevistados à paixão inicial que tende a se estabelecer entre o casal. A paixão aparece como um elemento significativo para a aproximação inicial do casal, principalmente no momento anterior ao estabelecimento do vínculo de namoro, mas pode ser um entrave para a estabilização da união. A amizade, de maneira contrária, é descrita como um fator estruturador da relação, como um componente fundamental para o fortalecimento do vínculo de união do casal, e que pode ser tanto produzido pelo sentimento amoroso que primeiro se manifesta entre o par, quanto um ingrediente sustentador que surge antes mesmo deste. A amizade, assim, pode ser consequência do sentimento amoroso, mas pode se estabelecer também *a priori*, como uma condição tacitamente criada pelo casal para a manutenção do vínculo.

A amizade surge no discurso dos informantes por meio de uma gama expressiva e rica de significados, relações e metáforas. Ela é apresentada como um elo fundamental de ligação entre outros sentimentos e valores que se desenvolvem na relação de namoro, como parceria, lealdade, fidelidade, confiança. Essa associação da amizade a elementos de confiança já havia sido ressaltada por Rezende (2002). A busca por segurança impulsionada pelas incertezas de um mundo em constante mudança, justificaria a ligação entre a amizade e a necessidade de criação de vínculos de confiança com o outro. E esse foi um dado interessante de nossa pesquisa, já que a confiança foi tida, em alguns casos, como fruto da amizade que se estabelece na relação de namoro. Nesse caleidoscópio de impressões que encontramos sobre o sentimento amical nas relações amorosas, a idéia de parceria também adquire importância fundamental. O namorado(a) é percebido como co-participe nos projetos, planos e momentos de vida do outro, como alguém de quem se espera apoio nos projetos individuais e

parceria nos projetos comuns. Essa questão, sobre a qual refletiremos mais adiante, constituirá um ponto importante de ligação entre o conceito de amizade na relação de namoro e os conceitos de projeto de vida da díade amorosa, que serão abordados no próximo capítulo.

4.2.1.

Amizade e amor: inter-jogo estratégico

Quando questionamos os informantes a respeito da questão da amizade na relação de namoro, procuramos entender qual o papel que esse elemento teria na construção tanto prática quanto simbólica da interação do casal e quais seriam seus principais atributos. Para entender os dados que encontramos nas entrevistas referentes a esses questionamentos, passaremos a analisar algumas narrativas:

“Acho que (a amizade) é fundamental. Porque na medida em que você está junto daquela pessoa, e eu estou com ela há tanto tempo, acho que se você não desenvolveu ainda uma amizade, um companheirismo, como você vai querer viver o resto da sua vida com aquela pessoa, de repente casar? Qual vai ser o elo que vai juntar essas pessoas? Se você não consegue ser amigo, quem dirá amante, ou parceiro. Eu acho que o namoro é uma preparação para um compromisso maior.” (Márcio)

Márcio apresenta a amizade como um elemento fundamental da relação de namoro, e que deve ser necessariamente desenvolvido pelo casal. A associação entre amizade e companheirismo, delineada na fala do informante, ressalta um dos pontos mais consensuais das entrevistas, como \mathfrak{e} , no imaginário dos casais, amizade e companheirismo se complementassem e se alimentassem reciprocamente. De certa forma, a amizade funciona, em sua concepção, como um medidor, que pode responder a possibilidade de que a relação amorosa perdue por mais tempo. A metáfora do elo é utilizada por Márcio para definir a atribuição de uma função central da amizade na manutenção da relação, e na própria ligação que se estabelece entre o par. E esse elemento de ligação é o que permite que outros tipos de relação como a de parceiro e até de amante possam se sustentar com o tempo. A amizade é entendida inclusive como um fator de construção e

sustentação do ideal de união matrimonial que constitui, na visão do entrevistado, o objetivo maior da relação de namoro. Priscila é outra entrevistada que confere à amizade um papel fundamental na manutenção do vínculo do casal:

“A pessoa que está ao seu lado tem que ser o seu melhor amigo, porque é a pessoa com quem você quer compartilhar todos os seus momentos. Então, você não vai querer ficar com uma pessoa que não te entenda, não te aconselhe, não te dê apoio. E esses são os principais fatores de uma amizade, você estar ao lado da pessoa para o que der e vier.” (Priscila)

Priscila associa a amizade ao cotidiano relacional do casal. Enquanto Márcio apresentou a amizade como um elemento simbólico de manutenção de uma relação de namoro, que deve ser fortalecida com o tempo, Priscila fala da questão do compartilhamento contínuo de momentos que deve ter lugar na interação amorosa. O entendimento mútuo, o aconselhamento, a vontade de dividir as situações da vida, o apoio quase que incondicional são atributos de uma amizade que se constrói no namoro. Ao namorado é conferido o papel de melhor amigo, alguém com quem se deve dividir essas ações, com quem se pode contar sempre, numa relação sem barreiras. E essa interação fundamental aparece implicitamente na fala da informante como algo que deve se produzir contínua e reciprocamente na relação do par. Gustavo, parceiro de Priscila, descreve a amizade como um elemento diferencial na construção da relação de namoro:

“Sem amizade não vejo futuro. Se você pensar num relacionamento em longo prazo, eu penso na pessoa como uma companheira, não só sexo, sabe? Sexo é facilmente aliviado hoje em dia de qualquer forma. Você tem que se sentir bem do lado da pessoa o tempo todo e para isso ela tem que ser sua amiga. É isso que eu vejo.” (Gustavo)

A primeira relação que Gustavo estabelece é entre amizade e futuro. Neste sentido, ele se refere ao futuro do vínculo relacional, outorgando à amizade uma função de apoio para a sustentação prolongada do relacionamento do casal. Em sua fala, assim como na de Márcio, a amizade associada ao companheirismo permite que a união do casal se torne mais perene e estável. A amizade é também contraposta à idéia de sexo, como um fator capaz de conferir um caráter único e

insubstituível ao namoro, que o sexo por si só não poderia. Embora o sexo não seja descartado por Gustavo, o prazer destituído de outros sentimentos como o de amizade, deixa de imprimir sentido à parceria amorosa, como idealizada pelo informante.

A fala de Gustavo nos lembra a ênfase de Heilborn (2004) numa das características da relação que se estabelece entre o par igualitário: o enaltecimento do companheirismo e da amizade. De acordo com a autora, os sentimentos que se produzem na interação do casal são compostos por uma combinação entre aprofundamento da afinidade psicológica que a amizade encerra e relacionamento sexual. Na narrativa de Gustavo a amizade vem garantir que a sexualidade do casal seja englobada por uma sensação contínua de bem-estar que não deve terminar com o ato sexual e que se constitui independentemente dele.

Tiago foi outro informante do sexo masculino que estabeleceu uma relação entre amizade e sexo próxima a de Gustavo:

“Se eu não quiser também ter uma amiga, eu não namoro. Sexo a gente encontra fácil por aí, você não precisa ter uma namorada para isso. Então, a amizade traz algo mais íntimo, por um lado, do que sexo. Eu acho que a amizade é primordial.” (Tiago)

Tiago foi um dos entrevistados, que logo no início da entrevista falou da importância que acredita que a amizade tenha na sua relação de namoro. Sua história com Patrícia talvez contribua para esta visão, porque antes de se tornarem namorados, eles estabeleceram uma relação de amizade. Seu discurso é breve, porém incisivo na defesa da ideia de que prefere não namorar, caso a parceira não seja também sua amiga. Sua justificativa para essa exigência encontra-se numa contraposição entre amizade e sexo. O sexo dissociado de outros sentimentos e relações é percebido pelo informante como impessoal, como algo comum e de fácil acesso, como já havia afirmado Gustavo. Assim, esse elemento por si só não justifica a formação do vínculo. A amizade, por outro lado, como sentimento e como modelo relacional, é capaz de sustentar a relação, e por isso, tende a assumir uma centralidade maior. Com a amizade surge a intimidade, a proximidade, que para além do aspecto erótico, é capaz de unir de forma mais coesa o par. Se o sexo

e a amizade são complementares no relacionamento amoroso, a segunda adquire uma feição especial, exclusiva, porque faz parte de uma construção que não pode ser tão facilmente estabelecida. E o sexo é percebido como mais comum porque não depende tanto da singularidade dos indivíduos que o compartilham.

O discurso de Melissa também enfatiza a importância da amizade, mas, de maneira diferente dos dois últimos informantes, o que é focalizado é uma definição mais específica do conteúdo da amizade na relação de namoro e não um contraste com outros fatores:

“O Sandro é muito meu amigo. Quando eu tenho um problema, é a primeira pessoa para quem eu penso em ligar. Quero contar tudo, saber a opinião dele, pedir sua ajuda. Você tem que ter uma pessoa para conversar, e o namorado é uma pessoa tão próxima de você, que nada melhor que tê-lo como seu amigo, porque você pode contar com ele para tudo. Ele é o meu melhor amigo, eu conto com ele, confio completamente.” (Melissa)

A narrativa de Melissa é voltada para o caráter cooperativo que a relação de amizade no namoro pode estabelecer. A amizade é apresentada em seu aspecto fusional, colocando em relevo a idéia de se ter alguém para partilhar problemas, opiniões, para conversar. Trata-se de uma fusão em que se destaca um paradigma de igualdade, e em que se procura não exatamente complementaridade, mas a cooperação e o apoio recíprocos. A associação da figura do namorado com a de melhor amigo é outro dado que aponta para essa noção de parceria e de igualitarismo. E ainda ao namorado é conferida uma confiança máxima, que reforça a idéia de que a relação de amizade acentua os elementos de segurança e proximidade com o outro, e talvez por isso, Melissa valorize a integração entre os papéis de namorado e amigo. Sandro, namorado de Melissa, traz uma visão bastante semelhante à da namorada no que se refere à amizade dos dois:

“Nós somos bem companheiros. Sempre que um dos dois tem um problema a gente conversa, ela me procura, e eu procuro ela quando eu quero a opinião. A amizade é bem grande. Quando o namoro está no início, se você não estabelece uma relação de conversa, de cumplicidade, não dá. Não dá para ficar com uma pessoa com quem você não consegue trocar. E a Melissa faz parte da minha vida, das decisões que eu tomo, então se não houver amizade companheirismo, fica difícil. Namorar por namorar não vale a pena.” (Sandro)

Sandro reforça a idéia trazida por Melissa sobre cooperação na relação de namoro dos dois. A amizade é apresentada como um sinônimo de companheirismo, de participação, de apoio na resolução de problemas, de cumplicidade. A própria construção da relação é condicionada à possibilidade de se estabelecer a troca entre o casal, o que reitera a valorização dos modelos de reciprocidade e igualdade na interação do par. A afinidade e a identificação entre os parceiros são apresentadas como pontos fundamentais para a constituição do relacionamento amoroso. E a afirmação de que Melissa faz parte da vida de Sandro, e que cumpre o papel de co-autora nas decisões que ele toma, nos leva a entender, que, em sua concepção, a amizade constituída com sua namorada é orientada também para a partilha de projetos pessoais e comuns. A última frase do trecho citado *‘Namorar por namorar não vale a pena’* complementa a idéia de que relações de amizade e companheirismo podem ser responsáveis pela conferência de um grau acentuado de significado ao namoro.

André condiciona o sentimento de amor ao de amizade e, da mesma forma que Sandro, não encontra razão para que se estabeleça uma relação amorosa desvinculada do ingrediente da amizade:

“Se você não é amigo, você não ama. Acho que o relacionamento e amizade caminham juntos. Não tem como eu estar com uma pessoa e ela não ser minha amiga, não tem como você casar com uma pessoa, estar dividindo um teto, e ela não ser tua amiga. Dividir sua vida, seus segredos, e a pessoa não ser sua amiga?!”. (André)

Para André o amor surge da amizade e por isso é imprescindível a uma relação amorosa, seja de namoro ou de casamento. A amizade é tão fundamental e indispensável, na visão do informante, que se torna uma condição *a priori* para a criação e manutenção do vínculo entre o casal. O paralelismo entre as idéias de relacionamento amoroso e amizade engloba uma idéia de recíproca alimentação entre estas. E a amizade é representada como o alicerce básico e fundamental da união. É ela, incorporada ao namoro, que permite a criação de um vínculo de confiança entre os parceiros, que passam, então, a dividir as parcelas mais significativas de suas dimensões subjetivas. Assim, garante a troca entre o casal

das questões importantes, centrais da vida de cada um.

Letícia foi a única entrevistada que afirmou de modo mais expressivo a diferença entre amizade e namoro:

“Pode até ser (que a amizade faça parte do relacionamento), porque existe parceria, comprometimento. A gente está sempre conversando... Mas para mim é bem diferente do tipo de relacionamento que eu tenho com os meus amigos. Eu acho que tem que ser diferente, senão você cai na questão só da amizade e você acaba transformando o relacionamento numa grande amizade. Então eu acho que tem de ter alguma diferença sim. Por exemplo, eu acho que faz parte a gente ter alguns tipos de conversa só com os nossos amigos. Eu tenho amigas próximas, então, às vezes, eu saio para conversar, até se eu estou com problemas com ele, se a gente está com algum impasse eu converso com elas, e depois venho conversar com ele. Eu acho que tem que ter cuidado com esses papéis porque senão você acaba ficando tão amigo que esquece do relacionamento. Você tem que ser parceiro, cúmplice, ajudar, mas você tem que ter coisas suas, da sua intimidade, que você pode ou não dividir com alguns amigos, mas que não entram na relação.” (Letícia)

Letícia aponta, no começo de seu discurso, alguns elementos que podem ser comuns tanto a uma amizade quanto a uma relação de namorados, como parceria, comprometimento, troca por meio de conversas. Essas qualidades, contudo, não são suficientes para determinar a presença de uma relação de amizade no interior do namoro. A maneira como essas qualidades são manifestadas e, sobretudo, como os papéis são desempenhados nesses dois tipos de relação, difere expressivamente, na percepção da entrevistada. Letícia demonstra preocupação com a separação desses dois modelos de relacionamento e conseqüentemente dos papéis de amigo e namorado, que combinados de forma mais exacerbada, podem ser confundidos, gerando ambigüidade. Uma diferença marcante, e que para a informante torna-se definitiva na demarcação desses papéis, é a questão da troca e da cumplicidade através da conversa com os amigos. Aos amigos mais próximos é possível levar questões e problemas do relacionamento, na busca de uma ajuda externa que possa servir de orientação para as decisões que a entrevistada possa vir a tomar. Nesse sentido, Letícia ressalta a importância que os relacionamentos de amizade têm em sua vida pessoal, admitindo a participação dos amigos até mesmo em questões mais íntimas do seu relacionamento com o namorado. A cumplicidade pode ser, em alguns casos, até maior entre amigos do que entre namorados, já que a informante

acredita que há certas questões pessoais que podem ser divididas com amigos, mas que não devem ser levadas ao parceiro amoroso. A idéia de privacidade e individualidade em relação ao parceiro amoroso, ressaltada nesse trecho da entrevista de Letícia, marcou uma diferença importante com relação ao discurso do resto do grupo, inclusive de seu namorado. De uma forma geral os informantes idealizaram seus parceiros como “outros significativos por excelência”, aqueles que os conhecem mais profundamente e com quem dividem prioritariamente quaisquer questões da vida.

O companheirismo, a confiança, o respeito, a cumplicidade, a lealdade são percebidos pelo grupo como elementos sustentadores das relações pessoais, que devem ser potencializados no namoro, embora se tratem de características fundamentais das relações amicais. Esse dado talvez revele a vulnerabilidade dos laços que apóiam as relações amorosas hoje. Temos a impressão de que a perpetuidade das relações amorosas é hoje notadamente menor que a das relações de amizade. Talvez, por essa razão, esses elementos de manutenção e conservação do vínculo tenham que ser mais radicalizados entre namorados do que entre amigos.

4.3.

Parâmetros da fidelidade no relacionamento de namoro

O tema da fidelidade na relação de namoro foi a nossa motivação inicial para a realização da pesquisa e escrita da dissertação. É importante, contudo, esclarecermos de forma mais objetiva aquilo que efetivamente pretendíamos investigar quando nos voltamos para esse objeto.

Buscando uma compreensão mais profunda sobre as qualidades sociológicas do conceito de fidelidade, encontramos em Simmel (2004) algumas reflexões que nos foram úteis: a primeira delas é a que aponta a natureza complementar da fidelidade. E é essa sua característica que permite que ela mantenha vivos o interesse próprio dos membros da sociedade, a sugestão, a coerção, o idealismo, o hábito mecânico e o sentimento do dever, o amor, e até a

inércia. A fidelidade adquire uma função dupla de complementaridade de outros sentimentos e disposições subjetivas, e de sustentação das relações e condições sociais e pessoais que envolvem os mesmos. Simmel ressalta ainda a função específica que a fidelidade assume no interior das relações sociais e pessoais:

“... a existência de um estado psíquico e sociológico específico, que assegura a continuação de uma relação para além das forças que primeiro lhe deram origem; um estado que sobrevive a essas forças com o mesmo efeito sintetizador que elas próprias tinham originalmente”. (Simmel, 2004, p. 32)

Essas definições do autor nos foram particularmente importantes justamente pelo fato de termos conduzido a parte da pesquisa que tratou do tema não apenas para a discussão da fidelidade enquanto sinônimo de monogamia, mas para a tentativa de capturar significados e funções diversas que ela estaria assumindo na contemporaneidade. Procuramos olhar, então, para a sua qualidade complementar, sustentadora, sintetizadora e, sobretudo, para rede plural de sentidos que acreditávamos que ela produziria na economia interna dos sujeitos.

Foucault (1988b e 1988c) também apresenta importantes reflexões acerca da fidelidade de natureza sexual. Ao tratar das especificidades incorporadas modernamente às relações conjugais, o autor descreve o princípio de moderação da conduta masculina no casamento, que foi instituído no período. As relações pessoais passam a se manifestar, cada vez mais nos deveres de reciprocidade com os outros, e, sobretudo com o cônjuge. A valorização do outro e o cuidado de si tornam-se complementares, e a fidelidade sexual, principalmente do homem, começa a ser formulada em outros termos. Esse processo se reproduz através de noções como simetria e vínculo, que são, então, centralizados no casamento. Os problemas das relações sexuais do casal adquirem, nesse contexto, uma importância maior. E essas mudanças refletem uma nova conduta no casamento, guiada menos por normatizações e códigos de comportamento de natureza institucional e mais pela valorização do intercurso contido no próprio vínculo. Márcio Alves da Fonseca (2003), em sua leitura da obra de Foucault, afirma que a valorização do vínculo conjugal e da mulher impulsiona a busca por manter os prazeres sexuais no contexto em que realmente assumem significado. É o contexto do casamento, da família, da descendência. Daí advém a razão para a crescente

exigência do princípio de simetria entre o homem e a mulher nas questões de fidelidade. Nesse contexto, o casamento torna-se o mais importante dos vínculos pessoais e o único local dos prazeres legítimos.

Essa passagem da obra de Foucault, embora trate especificamente da esfera conjugal num cenário anterior ao qual nos referimos neste trabalho, aponta para a relação fundamental entre reciprocidade, simetria, fidelidade, e cuidado de si e com o outro, ainda mais intensificada nas relações amorosas contemporâneas.

O discurso trazido pelo grupo sobre a fidelidade, chamou inicialmente nossa atenção pela extensão das reflexões e pela riqueza de representações, conceitos, relações que o tema suscitou. Diversos sentidos e significados foram conferidos à fidelidade, tanto na associação com outros valores e sentimentos, quanto na descrição dos papéis conferidos a ela na relação amorosa. Dentro da gama de significações que o tema produziu ao longo das entrevistas, algumas diferenças de representação nos pareceram interessantes. Se a maioria dos entrevistados a traduziu como monogamia, como exclusividade afetiva e sexual a que o parceiro deve ter direito, outros afirmaram que a manifestação de fidelidade mais importante é aquela que se reflete no respeito, na sinceridade, na confiança, na cumplicidade e no amor. E muitas vezes, essas questões implicam numa questão de cuidado com o relacionamento, contrário a uma idéia de abandono e indiferença. Entre alguns informantes o ideal de monogamia foi enaltecido e até radicalizado a ponto de se defender um controle sobre os pensamentos e não apenas sobre as ações. Em diversos casos, porém, o envolvimento de um dos parceiros com uma terceira pessoa foi considerado tolerável dependendo do contexto. A tolerância, contudo, não era absoluta e referia-se somente ao conteúdo sexual desse envolvimento, já que a divisão do afeto foi tida como inadmissível.

A qualidade de elemento complementar ficou clara, pois a fidelidade como fator isolado não parecia ter muito sentido, como tem o amor, por exemplo. A fidelidade ao parceiro e à relação amorosa foi, contudo, traduzida como prova de amor e de comprometimento com o parceiro e com o próprio relacionamento do casal.

Um dado importante foi o do caráter simbólico com que o tema foi expresso por alguns entrevistados. A infidelidade, sobretudo no sentido de não

observância das regras da monogamia, foi um fator responsabilizado pela “quebra do encantamento”, e até pela “poluição”⁸ da relação amorosa. A idéia de que a falta de fidelidade pode “marcar” definitiva e irreversivelmente a relação amorosa foi apresentada tanto de forma explícita, como implícita pelos informantes. De alguma forma, foi atribuído um potencial de ruptura à infidelidade, capaz de produzir danos irreparáveis que fatalmente levariam ao término da união.

4.3.1.

Fidelidade e produção de sentido

Pedro foi um dos informantes que relativizaram a idéia de traição. Em sua fala, a fidelidade é entendida como sinônimo de lealdade, algo que implica mais numa exigência de sinceridade com o outro, do que numa intolerância absoluta com a quebra da monogamia:

“Eu acho que fidelidade é realmente uma questão de lealdade, no sentido de confiar no outro e contar tudo. Se acontecer de ‘ficar’ com outra pessoa, tem que ter a capacidade de falar que aconteceu isso, que ‘rolou’, ser franco, sincero. Acho que a lealdade, inclusive, até ultrapassa o relacionamento amoroso. A relação entre duas pessoas pode se manter como namorados ou amigos, contanto que haja essa lealdade de você contar as coisas. O que me incomodaria muito numa relação é sentir que não tem como dialogar com uma namorada. Você saber que a pessoa não te conta as coisas, coisas importantes. Acho que até por isso, alguns relacionamentos, quando acabam, se transformam em amizade e outros não. Um dos segredos para manter a amizade quando acaba o relacionamento é você ter essa lealdade”. (Pedro)

Na narrativa de Pedro, a fidelidade é traduzida como lealdade. E essa lealdade é expressa, sobretudo pela disposição de dividir “coisas importantes” da vida pessoal com o parceiro. A não observância dessa regra é entendida como

⁸ Mary Douglas, em *Pureza e perigo* (Lisboa: Edições 70), descreve como os sistemas de classificação das coisas, traduzidos pelas formas *de pureza e poluição*, se impõem como estruturas simbólicas atribuídas a determinadas práticas sociais sujeitas a regulação social e subjetiva. Assim, as modalidades de ação individual que não se encaixam numa ordem estabelecida ou idealizada são inscritas em um registro de *poluição/impureza*. Segundo a autora, *“a impureza é uma ideia relativa”*: por exemplo, meus sapatos não são impuros, mas *“é impuro pô-los sobre a mesa de jantar”* (DOUGLAS, 1991, 50). Portanto, *“o nosso comportamento face à poluição consiste em condenar qualquer objecto ou qualquer ideia suscetível de lançar confusão ou de contradizer as nossas preciosas classificações”* (DOUGLAS, 1991, p. 51).

mais grave que o envolvimento com uma outra pessoa, embora a quebra da monogamia só seja tolerável quando revelada por aquele que a praticou. Esse trecho da entrevista de Pedro nos lembra uma passagem da reflexão de Heilborn (2004) que trata justamente dos problemas que a falta de diálogo e de troca de informações importantes entre o casal pode acarretar para a união. A escassez dessa reciprocidade de comunicados, quando constante, pode ser lida como um sinal de que o vínculo está debilitado. No caso específico da fala de Pedro, a ausência do fluxo de trocas subjetivas revela uma atitude desleal por parte do parceiro, o que pode levar ao rompimento definitivo do namoro, e mais ainda, de qualquer amizade que poderia se suceder ao término da relação. Na concepção do informante, fidelidade, entendida como lealdade com o parceiro, pressupõe uma atitude permanente de sinceridade, autenticidade, confiança, diálogo e de confissão das regras quebradas. Se este padrão for respeitado, a amizade pode ser mantida mesmo com o fim da relação de namoro. Esses elementos, então, se ligam e se sucedem numa ordem que quando quebrada torna insustentável qualquer vínculo entre o antigo par. Esse dado revela o caráter psicológico que envolve a idealização da interação do casal. Nas palavras da autora: “O fundamento da troca subjetiva que se dá num casal obedece à forma tipificada de conversas, de comunicação regular, de pensamentos, de expressão de emoções; em suma, de demonstração de desvelamento da dimensão interna de cada um” (Heilborn, 2004, p.147).

Para Priscila a fidelidade reúne um conjunto de elementos e se converte, assim como na visão de Pedro, em um ideal de lealdade, em que a sinceridade é mais valorizada que a observância estrita da regra de monogamia:

“Fidelidade para mim passa por questões como honestidade, companheirismo, lealdade. Eu acho que ser leal à pessoa com quem você está é extremamente importante. Lógico que quando você está com uma pessoa, você quer total exclusividade, quando você estabelece que é um namoro, um noivado, um casamento você estabelece que aquela pessoa é sua, e os dois vão ser exclusivos, não vai ter brecha ali. Mas se você tem outra oportunidade, está com uma pessoa, olha para o lado e vê uma chance de ser mais feliz, eu acho que você não pode deixar de tentar as coisas porque você está numa relação. Porque os sentimentos não são estáticos, eles mudam. Mas você tem que ser honesto com a pessoa com quem você está. E você também pode ter um deslize passageiro, e depois se arrepender. Eu sempre penso que se houver traição eu vou cogitar o perdão. Traição é perdoável sim, dependendo da situação e da pessoa com quem você está, se ela é leal, honesta. Fidelidade para mim não é mais importante que

toda uma relação de amor que você já construiu”. (Priscila)

Priscila sustenta a idéia de que a fidelidade sintetiza elementos como companheirismo, honestidade e lealdade. Mas é através de uma significação conferida à lealdade que ela explica o que realmente engloba a questão, na sua concepção. Se a dimensão contratual do relacionamento estabelece a exclusividade entre os parceiros, os sentimentos, diz Priscila, não são estáticos e, com isso, as opções de cada um podem mudar. A lealdade, quando não há mais interesse naquela relação, deve se converter, então, em honestidade. A opção e a busca pela felicidade individuais são consideradas mais importantes que a manutenção de um relacionamento desligado de sentimentos. E o sentimento de amor é capaz de superar a infidelidade que decorre de um envolvimento passageiro, sem importância para aquele que o praticou, sobretudo quando o parceiro é honesto e sincero, admitindo a relação fora do namoro. O contrato prevê assim regras, mas também admite exceções, sendo que o amor e a lealdade são capazes de subsistir à violação do padrão monogâmico, tornando-se, assim, estruturas fundamentais na manutenção do vínculo para a entrevistada. Essa leitura da lealdade, que se sobrepõe à preservação da monogamia, foi uma exceção entre as impressões da maior parte do grupo.

Letícia concebe duas formas de fidelidade, sendo que considera mais importante a que se refere ao comprometimento com o futuro da união do casal:

“Para mim, ser fiel é a pessoa querer estar comigo. Eu acho que existem dois tipos de fidelidade: o que importa é a pessoa querer estar comigo, querer construir uma família, querer ter uma vida em comum. Eu vou sair da casa dos meus pais, ele vai sair da casa dos pais dele, provavelmente nós vamos ter filhos. Então a fidelidade para mim é ele querer que isso dê certo, querer dividir uma vida comigo. A fidelidade amorosa tem relação com essa cumplicidade. Eu acho que faz parte paquerar, porque achar que o homem nunca vai olhar para outra mulher, é ilusório. Esse tipo de fidelidade eu não espero. Obviamente, se ele um dia tivesse um relacionamento fora, eu acho que isso talvez abalaria a nossa relação. Mas se ele é fiel a mim no sentido de querer construir uma família, é o mais importante. Porque isso é o mais importante que ele pode querer me dar.”
(Letícia)

Essa leitura da fidelidade feita pela entrevistada é interessante porque se direciona para a própria relação amorosa e não diretamente para os parceiros. A

fidelidade exigida é aquela que mais do que ao parceiro se volta para os ideais presentes e futuros da relação, onde os elementos de escolha, vontade e compromisso são as estruturas fundamentais de sustentação do vínculo. A definição de fidelidade amorosa não se manifesta necessariamente enquanto um modelo de amor pelo outro, mas assume a forma de opção pela concretização de projetos do casal. O investimento nos objetivos que favorecem a perenidade da relação e, principalmente o desejo individual de permanecer alimentando o vínculo, superam a expectativa em torno de um encantamento do parceiro orientado exclusivamente para a parceira. Esse dado engloba a importância do primado da escolha contemporânea, simultaneamente à valorização da idéia tradicional de compromisso.

André, em um breve relato, fez uma associação entre fidelidade e ética na relação amorosa:

“Ser verdadeiro, ser cúmplice, dar ao outro o que o outro espera de você, e não fazer o que você não quer que o outro faça com você, é isso. A fidelidade não está ligada só a trair e não trair. Fidelidade é verdade, se não é verdade é mentira, e se é mentira não é legal. É conduta correta. É ética. Se existe uma ética do relacionamento é essa”. (André)

A fidelidade na narrativa de André é relacionada a quatro elementos principais: verdade, cumplicidade, reciprocidade, ética. Na perspectiva do entrevistado, a questão principal não é o respeito à monogamia, mas a defesa da verdade. A verdade deve ser estabelecida como uma ética fundamental da relação, que se opõe a qualquer mentira, seja ela de qualquer ordem. A idéia de “conduta correta” enfatiza ainda mais o caráter moral que perpassa a representação de André sobre a fidelidade. Esse estatuto que deve ser estabelecido na interação do casal é algo que pressupõe uma correspondência de expectativas, e uma reciprocidade de direitos e deveres. E a fidelidade aparece como um fator que sintetiza esse ideal ético do relacionamento. Márcio apresenta uma visão próxima à de André no que diz respeito à reciprocidade de expectativas e direitos, mas ressalta, sobretudo, a importância do respeito e da confiança:

“Eu acho que além de não trair, envolve a questão de respeito. Eu sei das coisas

que ela gosta, das coisas que ela não gosta, e eu me esforço para tentar receptivo com as coisas dela até para evitar conflito. Acho que é um pouco assim: eu sei como ela pensa, ela também sabe como eu penso, nós temos os nossos pontos de divergência, mas a gente tenta levar, não desrespeitar. Eu não poderia mentir para ela, seria uma das piores coisas que eu poderia fazer, até porque eu tenho muita confiança nela. E você quebrar a confiança, acho que seria o fim...”
(Márcio)

Na narrativa de Márcio, a fidelidade para além da regra de exclusividade que é estabelecida entre o casal, volta-se para elementos como respeito, confiança. A relação de alteridade é fundamental para orientar a conduta de cada um dos parceiros: as preferências do outro devem ser cuidadosamente observadas e preservadas para que se evitem situações de conflito. O conhecimento, que cada um tem em relação ao que pensa o parceiro, funciona para que mesmo diante de divergências, o respeito entre o casal seja resguardado. Um ideal ético também é incorporado na fala do informante que percebe a mentira como uma quebra de confiança. E a confiança é representada como um elemento fundado na perspectiva de reciprocidade, que quando é rompida, pode provocar danos irreparáveis à união. Júlia, namorada de Márcio, apresenta em seu discurso uma representação da fidelidade que se traduz na observância da regra da monogamia, entendida como um código de valores:

“Eu tenho certeza que ele nunca me traiu. Eu sei que ele tem valores... É difícil encontrar pessoas que tenham os mesmos valores que você. E a gente esta há muito tempo junto, então, eu já o conheço muito bem. Eu não sei se eu perdoaria, porque é uma situação muito distante de mim. Eu sei que acontece, mas eu não consigo conceber na minha realidade, no meu relacionamento. E eu acho que se acontecesse, não seria igual, alguma coisa mudaria na relação. De repente, uma pessoa pode até chamar muita a sua atenção, mas eu acho que é como aquele poema de Vinícius de Moraes: “mesmo em face do maior encanto, dele se encanto mais meu pensamento”. Olhar tudo bem, mas se você vai adiante é um desrespeito, então é melhor terminar antes. Eu acho que eu não conseguiria, eu ficaria pensando, ficaria neurótica. Quebra alguma coisa. Eu acho que a pior das infrações no namoro é você trair”. (Júlia)

A confiança que Júlia tem em Márcio é relacionada à forma como ele sempre respeitou a regra de exclusividade entre os parceiros amorosos. É exatamente esse código de valores, compartilhado pelos dois, que assegura que a fidelidade, neste sentido, seja resguardada no namoro do casal. A fidelidade,

entendida como confiança, também é resultado de uma união longa, em que os parceiros têm razoável conhecimento sobre a conduta e sobre a natureza valorativa da subjetividade do outro, o que tende a aumentar o grau de confiança. Um olhar de admiração para uma outra pessoa é considerado aceitável, mas qualquer movimento além se traduziria numa infração grave desse código que dirige a conduta do casal. A idéia expressa pela informante de que esse tipo de infidelidade “quebra alguma coisa” revela um conteúdo simbólico que a fidelidade deve preservar no relacionamento de namoro; como se algo cristalizado pela união pudesse ser partido em razão da transgressão da regra de fidelidade/monogamia. Paula também valorizou a preservação desse conteúdo simbólico da relação amorosa em sua narrativa, elevando o amor e a solidez da relação à condição de estruturas fundamentais para a sedimentação da fidelidade:

“Na minha cabeça, a fidelidade está diretamente ligada ao amor e à solidez da relação. Quando você realmente ama, quando tem uma relação saudável, você não tem vontade de trair. Eu já tinha conversado sobre isso com amigas minhas, quando o relacionamento é bom você não tem coragem de fazer nada que possa ‘poluir’ aquele relacionamento. É uma coisa tão saudável, que você não tem coragem de mexer naquilo”. (Paula)

A idéia de relacionamento saudável se opõe, na fala da informante, à infidelidade, subentendida como quebra da monogamia, e que é traduzida pela noção de “poluição” do relacionamento. A dicotomia entre as concepções de “saúde” e “poluição”, implícitas no discurso, revela a conotação simbólica que a fidelidade encerra. Se a “saúde” da relação não deriva da fidelidade, mas do amor e da solidez do vínculo, por outro lado, o potencial “poluidor” do relacionamento é intrínseco à infidelidade. Mas a força dos elementos sustentadores da boa condição do relacionamento funciona como inibidora de qualquer atitude que possa ser orientada para o rompimento desse padrão.

4.3.2.

O padrão monogâmico: A importância da exclusividade sexual e afetiva entre os parceiros

Perguntamos ao grupo, quais seriam as atitudes do parceiro que poderiam ser consideradas inaceitáveis em uma relação de namoro. Nosso propósito com isso era entender e testar o grau de coerência das respostas no que diz respeito à questão da monogamia. Encontramos uma razoável pluralidade de significações para o conceito de fidelidade, embora a representação mais recorrente seja a que corresponde ao respeito do padrão monogâmico. Com isso, procuramos esclarecer até que ponto a “traição”, tal como expressa pelos entrevistados, seria tolerada.

A maior parte dos informantes mencionou a traição, enquanto sinônimo de rompimento com a exclusividade entre os parceiros, como uma atitude inaceitável. As respostas, contudo, foram coerentes com as definições anteriores sobre fidelidade. Aqueles que estabeleceram uma correspondência entre fidelidade e comportamento monogâmico foram mais intolerantes com o rompimento desse padrão. E os que acreditam que a fidelidade envolve outras questões além dessa, apontaram fatores diversos que considerariam faltas sérias no relacionamento. A seguir algumas breves passagens das entrevistas que ilustram idéias trazidas pelo grupo:

“Se eu descobrir que a pessoa foi infiel, eu não consigo ficar mais com ela, eu não vou poder confiar mais nela. Acaba ficando uma paranóia tipo: ‘onde ele está? O que ele deve estar fazendo?’ Você tem que confiar na pessoa. Para mim, a partir do momento que você começa a querer ter alguma coisa com outra pessoa, é porque não gosta mais daquela com quem está.” (Melissa)

“A falta de fidelidade eu acho inaceitável, porque para mim quebra toda a magia do sentimento, não do sentimento, porque, às vezes, o sentimento até perdura, mas do relacionamento” (Clarice)

“Se ela me traísse seria inaceitável. Eu não sei se perdoaria, de repente sim, mas eu acho que isso é uma coisa ruim. Você perde a confiança na outra pessoa. É igual você contar um segredo para um amigo, e ele contar pra outro. Perdeu a confiança. Você pode até conseguir perdoar, mas não vai ser igual à antes.” (Marcelo)

“Para mim inaceitável é xingamento, embate corporal e uma traição de qualquer

tipo é inadmissível, mas eu volto a dizer que se não houvesse envolvimento emocional, eu não chamaria de infidelidade, mas de desrespeito”. (Tiago)

Pela totalidade das manifestações do grupo, ficou claro que a monogamia se apresenta como uma qualidade absolutamente necessária para a manutenção do vínculo da relação de namoro. O rompimento com esse padrão só é aceito por algumas pessoas dentro de determinados contextos, como em envolvimento passageiros, destituídos de conotação sentimental, e quando há a revelação por parte de quem rompeu com a regra. O envolvimento de caráter sexual é considerado menos grave do que aquele em que os afetos são compartilhados, situação que para os informantes revela a deterioração dos sentimentos e, conseqüentemente da ligação entre o casal. Para a maior parte do grupo, contudo, qualquer contexto que envolva o rompimento da regra monogâmica, mesmo que breve e sem troca de afetos, se reflete numa degeneração irreparável do relacionamento. Ainda quando os sentimentos subsistem a situações como esta, a relação tende a sofrer um desgaste que acaba provocando a extinção de alguns alicerces da relação, comportados por elementos como confiança, respeito, comprometimento e até encantamento. A metáfora da “quebra” foi usada por alguns entrevistados em referência às conseqüências que os encontros externos ao namoro podem provocar no relacionamento do par. Essa metáfora foi empregada em alusão tanto ao rompimento com fatores mais concretos da relação – como os já citados confiança, respeito, comprometimento, além do próprio amor – quanto aos princípios de caráter mais impreciso e sutil contidos nas expressões: “quebra a magia” ou “quebra alguma coisa”.

Para Melissa, o termo “infiel” retrata o comportamento que extrapola as fronteiras da monogamia, e que torna a relação insustentável em razão da perda da confiança. A confiança é entendida como um elemento essencial para que o relacionamento se sustente, por isso, quando ela se deteriora, o vínculo tende a ser rompido definitivamente. Essa forma de infidelidade, segundo a perspectiva da informante, sinaliza também para o declínio do sentimento de quem a praticou em relação ao parceiro; outra razão que justifica o término do relacionamento. O sentimento, especialmente de amor, é entendido como o ingrediente por excelência que confere sentido ao laço de união do casal. Quando esse fator se extingue, não há outras razões suficientemente fortes para que o namoro seja

mantido.

Clarice enfatiza a perda simbólica que a transgressão da regra de monogamia provoca na relação. Mesmo que o sentimento não seja extinto, a qualidade “mágica”, que remete a ideais românticos, é permanentemente quebrada, o que na fala da entrevistada adquire uma conotação de destruição de algo, do qual não se pode prescindir num relacionamento amoroso.

Marcelo, assim como Melissa, considera difícil manter um relacionamento com uma pessoa que rompeu com a regra da monogamia, e conseqüentemente, com a confiança que o outro depositava nela. A confiança é entendida como um fator indispensável às relações pessoais, seja no namoro ou na amizade. A idéia de que essa forma de infidelidade implica numa questão de perdão, indica a conotação valorativa do conceito, remetendo a noção de infração de um código de valores, que pode ser expressa ou tacitamente estabelecido entre o casal.

Para Tiago existe uma diferença entre as noções de traição/infidelidade, que são usadas como sinônimos de envolvimento externo ao relacionamento, comprometido com a troca afetiva, e o envolvimento em que os sentimentos não são compartilhados, chamado por ele de desrespeito. A atitude do parceiro considerada desrespeitosa, nesse sentido, embora adquira uma conotação negativa e prejudicial ao relacionamento, não parece determinar que o laço tenha que ser rompido. Por outro lado, aquilo que é chamado de infidelidade, a quebra da monogamia com conteúdo sentimental, é algo que torna insustentável a manutenção do vínculo.

4.4.

A questão sexual

Um dado importante colhido a partir das análises referentes às representações da amizade e da fidelidade é o que se refere ao enfoque da questão sexual.

Quando conversamos com o grupo a respeito do papel da amizade na

relação de namoro, encontramos uma maioria absoluta de opiniões que conferiam a esta uma centralidade fundamental e indispensável à solidificação e à manutenção do vínculo amoroso. O sexo foi subsumido pela valorização absoluta do sentimento amical, entendido como o ponto diferencial entre relações efêmeras e de fácil acesso, e as relações percebidas como únicas, com expectativas de maior durabilidade e que mereceriam, portanto, um maior investimento dos parceiros. A condição de criação de um laço de amizade entre os parceiros amorosos foi considerada, à exceção de uma entrevistada, absolutamente necessária à construção de uma parceria perene de namoro. Essas concepções foram defendidas enfaticamente tanto por homens quanto por mulheres. Alguns homens apontaram a questão de modo bastante direto, como mostram trechos citados das entrevistas de Tiago e Gustavo:

“Sexo a gente encontra fácil por aí, você não precisa ter uma namorada para isso. Então, a amizade traz algo mais íntimo, por um lado, do que sexo”. (Tiago)

“Sem amizade não vejo futuro. Se você pensar num relacionamento em longo prazo, eu penso na pessoa como uma companheira, não só sexo, sabe? Sexo é facilmente aliviado hoje em dia de qualquer forma”. (Gustavo)

Mesmo entre os informantes que não expressaram essa idéia de maneira tão clara, a amizade assumia uma importância superior, a ponto de ter sido mencionada em diversos momentos das entrevistas, enquanto a questão sexual teve pouco destaque.

Ao nos voltarmos durante as entrevistas para a conceituação da fidelidade, contudo, o tema do sexo, ainda que de maneira indireta e implícita, passa a se destacar nas entrevistas. A importância do padrão monogâmico, para além de outras definições do conceito de fidelidade, foi ressaltada por grande parte dos informantes. O ato de “traição”, ou infidelidade no sentido de rompimento com a monogamia, foi apontado por diversos entrevistados como algo que torna a relação insustentável, em razão da perda da confiança, e do próprio “encantamento” da relação. O fator sexual, sendo a monogamia entendida como exclusividade afetiva e sexual entre os parceiros, mostrou-se, então, fundamental para a preservação do vínculo amoroso. Até mesmo para os informantes que

consideraram o envolvimento afetivo externo à díade mais grave, o sexo não deixava de ter significado, se pensarmos que afetividade e sexualidade costumam se alimentar reciprocamente nas ligações amorosas.

Esse quadro é emoldurado por uma dissociação entre amizade/monogamia. Quando o primeiro tema foi abordado, a questão sexual teve sua importância diminuída, e destacou-se uma identificação com valores cosmopolitas, mas ao centrarmos a discussão no tema da fidelidade, houve uma valorização de visões tradicionais, a partir da qual se revelou uma preocupação com a dimensão sexual da infidelidade, e uma ênfase no modelo monogâmico.

A amizade, por um lado, é centralizada como um elemento essencial à construção do vínculo diádico e também ao prolongamento deste. O sexo, contudo, por outro, vincula-se à idéia não menos importante de preservação da união de perigos externos, que mesmo em face da permanência de sentimentos como amor e amizade, tendem a trazer prejuízos irreversíveis para os laços de confiabilidade, respeito, reciprocidade e encantamento da relação amorosa. Sem esses laços, a probabilidade de manutenção da união de namoro torna-se bastante reduzida, de acordo com as percepções do grupo.